

Cativos na “nuvem”

Nove da noite na loja de um operador de telefones situada no centro de Madrid. Junto da porta há um acesso, no qual meia dezena de jovens já fazem fila. Vão esperar doze horas, passando a noite na intempérie, para serem dos primeiros a comprar o iPhone 5, que ia ser colocado à venda, na manhã seguinte, por 669 euros. Não se tratava exatamente de um artigo barato.

No entanto, muitos clientes da Apple veem-no de outro modo, e compreendem este tipo de comportamentos. Para um *fanboy* ou *fangirl*, a marca da maçã incorpora uma experiência superior à das suas concorrentes.

Esse sentido de identificação com a marca é o primeiro aspeto do fenómeno conhecido por “consumidor cativo”. O facto de um cliente da Apple valorizar tanto a sensação como o “valor acrescentado”, e não só as prestações do produto em si, nem dar especial relevância à qualidade da sua assistência técnica, explica o segundo aspeto do “cativoiro”: o consumidor compra um serviço. Essa é a chave do mundo Mac, visto que os serviços estão desenhados para serem desfrutados dentro do meio controlado pela empresa.

Em geral, as canções adquiridas na rede iTunes funcionam dentro do programa específico da Apple, e somente com a identificação do utente. Tecnicamente, uma conta iTunes é uma conta de serviço, não de compra de direitos de canções. Essa é a diferença essencial com o mundo tangível: um disco de vinil ou um CD tocam em qualquer aparelho, e não necessariamente num reproduzidor que seja da mesma empresa que vende o disco. Tal poderia ser o caso da Sony, se esta empresa japonesa tivesse seguido o procedimento habitual do setor tecnológico.

Por este motivo, os telefones com sistema Android – da Google, proprietária da divisão de telemóveis da Motorola – não admitem, em princípio, a aplicação iTunes.

Acrescenta-se a casualidade de a Motorola ter sido fabricante de processadores para a Apple até 2006.

Igualmente, os livros eletrónicos adquiridos na Amazon só podem ser lidos no dispositivo da própria empresa – o *kindle* ligado ao portal da Amazon – e também no equivalente da Apple – o iPad; com o *software* adequado, tal como num PC –, mas não num leitor Sony. Melhor dito: um *e-book* da Amazon

comprado legalmente pode ser lido num leitor Sony comprado legalmente, mas, só recorrendo a um truque de *hacker*.

O debate sobre a propriedade, ou apenas o usufruto dos *e-books* e música digital, adquiriu um novo tom graças às diversas situações que existem na “vida virtual”, uma vez concluída a vida real de uma pessoa. Ou seja: que sucede com as contas de Spotify, iTunes ou Amazon de alguém que faleceu. Como dar “sepultura *online*” às contas de correio ou do Facebook?

Em princípio, as empresas de Internet não cedem os direitos dos falecidos aos seus familiares, pelo que as contas “digitais” deixam de ser reconhecidas por parte dos técnicos, sem que os herdeiros possam aceder a elas. Visto na perspetiva do ritmo tecnológico, não parece uma excentricidade. As grandes empresas do setor informático modificam com enorme rapidez quase todos os seus serviços e produtos. Enfrentam uma concorrência dura e, por outro lado, querem evitar a “pirataria” e as cópias entre particulares.

Se a isto se juntar a cada vez menor vida útil dos aparelhos, não é difícil entender a migração para a “nuvem” (*cloud*, isto é, disponibilização de toda a música, documentos, fotografias, filmes e livros eletrónicos em contas *online*, como as do Google).

Assim se compreende melhor o aparecimento do “consumidor cativo” no meio digital: o utente vive “virtualmente” com “mobiliário” que está sempre a renovar ao fim de pouco tempo.

J. M. S. G.

“Arquipélago de Gulag”, de Soljenitsine, 40 anos depois

O termo “Gulag” (acrónimo do nome russo “Direção Geral dos Campos de trabalho correcionais”) foi dado a conhecer ao público ocidental há 40 anos, em 1973, com a publicação – em França – de “Arquipélago de Gulag” de Alexandre Soljenitsine (1918-2008). As condições de vida nos campos de trabalhos forçados já Soljenitsine as tinha abordado literariamente na

sua primeira obra, “Um Dia na Vida de Ivan Denissovitch” (1962).

Neste texto, apresentamos fotografias do Gulag, que saíram em “Aceprensa” (22.5.2013).



Descargando bloques de roca para la construcción del Canal Mar Blanco-Mar Báltico, 1932

O “sistema dos campos”, que se estendia como um arquipélago por toda a União Soviética, tinha como objetivo não só o isolamento dos prisioneiros como, também, desempenhava um “importante papel para a produção industrial e a colonização de lugares inóspitos”: assim escreveu Paul Barton já em 1959. O Gulag converteu-se, além disso, num sistema de opressão que manteve a população num receio permanente, porque qualquer pessoa podia ser afetada por ele.

Encorajada pela *perestroika* e pela *glásnost*, em 1988, foi fundada a sociedade Memorial com o propósito de investigar o sistema Gulag. Os primeiros resultados do seu trabalho foram apresentados numa esmagadora exposição, “Gulag. Spuren und Zeugnisse 1929-1956” (Gulag. Vestígios e Testemunhos 1929-1956), que esteve patente de 17 de maio a 1 de setembro deste ano no DHM - Museu Histórico Alemão (Unter den Linden 2, Berlim), com a qual se rompeu um silêncio de décadas. A exposição foi organizada pela Memorial e pela Fundação alemã em memória dos campos de concentração de Buchenwald e MittelbauDora (SGBM-D), numa cooperação com a Fundação Palácio de Neuardenberg.

No ato de apresentação da amostra, Irina Scherbakova, colaboradora científica da Memorial, fez referência ao simbolismo do lugar em que se celebra, porque no DHM “se apresenta história alemã”. Volkhard Knigge, diretor da SGBM-D, explicou os motivos para cooperar nesta exposição: a sua Fundação tem um objetivo afim do da Memorial, porque recuperar o passado significa “não deixar a última palavra para a história negativa”. Além disso, existe uma segunda razão: os números mais elevados de mortes nos campos do Gulag aconteceram precisamente em relação com o ataque da Alemanha à União Soviética em 1941-1944. Para Knigge, é importante esclarecer que não se trata de “equiparar e relativizar”, de fazer uma comparação entre os dois maiores sistemas de campos de concentração do século XX.

A exposição no DHM não pode apresentar uma história definitiva do Gulag, salientou Irina Scherbakova, pois a sua sociedade só identificou até ao momento aproximadamente

dois milhões e meio de vítimas dos quatro milhões em que é estimado o seu total. Atualmente, estão a estudar a possibilidade de publicar na Internet um grande arquivo com entrevistas. No entanto, as entrevistas que se continuam a fazer agora, efetuam-se sobretudo com os filhos das vítimas, pois cada vez restam menos sobreviventes. Como não é possível reproduzir uma história continuada, a exposição apresenta “vestígios e testemunhos” dos anos de 1929 a 1956, que a Memorial tem vindo a reunir em toda a antiga União Soviética desde 1988.



Con los prisioneros, trabajan también sus hijos de corta edad. Aquí en un campo del Canal Mar Blanco-Mar Báltico, 1932.

Numa superfície de 500 metros quadrados, a exposição centra-se nas experiências e nas recordações das vítimas. Coloca-se, além disso, a questão de como podem entender-se as dimensões do Gulag, considerado pelos contemporâneos como a “quinta essência” do despotismo soviético. Em cinco secções (“Desde a Revolução de Outubro ao Gulag”, “Perseguição e deportação”, “Trabalhos forçados, sobrevivência e morte no campo de concentração”, “Dissolução do sistema do Gulag e recordação do Gulag” e “Biografias selecionadas de prisioneiros”), os objetos colecionados pela Memorial, quer se trate de um saco para guardar o pão, de um vestido desgastado ou de uma placa de metal de um morto, permitem que se fique com uma ideia viva sobre a vida diária dos prisioneiros. Deste modo, surge um monumento comemorativo, que é, ao mesmo tempo, um arquivo. Testemunha as condições de vida nos campos do Gulag, mas também os esforços – obstaculizados sucessivamente – de recuperar publicamente a história dos campos, da repressão e do terror, e de recordar as vítimas.

A exposição tem um significado que vai para além da história da União Soviética em si, pois as violações dos Direitos Humanos afetam todos. Sobre isto, disse Irina Scherbakova: “Não existe

uma recordação em separado das

violações dos direitos humanos; trata-se de uma história europeia”. A exposição “Gulag. Vestígios e Testemunhos 1929-1956” oferece uma visão chocante de um sistema ilegítimo e desumano. “A visão da história nem sempre é confortável”, disse na apresentação o Presidente do DHM,

Alexander Koch; mas esta visão perturbadora e chocante é necessária para compreender a história do século XX.



1. Quando se toma uma decisão, a coragem potencia a concretização.
2. Lutar por um bom objetivo dá forças para ir até ao fim.
3. Identificar o que é importante, é essencial para acertar na escolha.

Paulo Miguel Martins

Professor da AESE

“Comprámos um Zoo”

“We Bought a Zoo”

Realizador: Cameron Crowe

Atores: Matt Damon; Scarlett Johansson

Duração: 124 min.

Ano: 2011

A história deste filme seria “surrealista” e difícil de acreditar se não fosse autêntica... Um pai fica viúvo ainda jovem e sente grandes dificuldades em conseguir uma boa relação com os filhos, em especial com o mais velho, ainda adolescente. Dá-se conta de que a sua vida e dos pequenos tem de ganhar um novo sentido e de ultrapassar essa situação.

Resolve então comprar uma outra casa para “mudar de ares”. Fora da cidade encontra uma boa moradia. A questão é que o proprietário só a venderia, se ele ficasse com o Jardim Zoológico que lá estava instalado, embora muito abandonado. Além disso, teria de manter os poucos funcionários que cuidavam ainda dos vários animais que restavam. Ele reflete, ouve opiniões e depois aceita o desafio. Acima de tudo quer o bem dos filhos. Pouco a pouco entusiasma-se com o projeto, o que vai motivando os colaboradores a dedicarem-se com ousadia à reconstrução desse sonho. Como ele explica: “20 segundos de coragem” podem fazer a diferença!

Enfrenta com valentia os diversos obstáculos e essa força provém do significado que o projeto representa. Não era algo para si próprio, uma aspiração pessoal, mas sim um desejo de unir a família e dotar a comunidade de uma área ambiental exemplar, que ainda hoje é um “case study”. De facto, o seu modo de “gerir” esse Zoo é um modelo seguido em parques semelhantes!

Tópicos de análise:

PANORAMA

